ADB

Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros
Ano XX Nº 83 Outubro/Novembro/Dezembro 2013
ISSN 0104-8503

A ADB agradece a todos pela confiança e participação em 2013 e deseja um 2014 de muita prosperidade

Peço a todos os Associados da ADB que aceitem meus melhores votos de saúde e de prosperidade para 2014.

A capacidade de venda da produção industrial de qualquer país está cada mais vinculada à sua capacidade de inovação. Os esforços do Brasil nesse sentido continuam aquém do necessário.

O artigo de Jax, isto é, do Embaixador Fernando Jacques de Magalhães Pimenta, é interessantíssimo, pois alia a ficção à realidade factual internacional, com muita graça e humor.

O Brasil continua sendo o maior produtor de café do mundo e o maior produtor por hectare, mas a concorrência está cada vez mais ativa. Esta a razão pela qual vem dando atenção crescente ao cultivo de cafés especiais.

Dois escritores, meu amigo Joel Rufino dos Santos e a Professora Margarida Patriota, dão início a uma nova seção do Boletim constituída de dupla entrevista referente a um determinado tema. No caso presente, trata-se da obra do maior simbolista brasileiro e, sem sombra de dúvida, um dos maiores poetas brasileiros: Cruz e Souza.

Com toda razão, o Brasil dá atenção superior ao desenvolvimento da pequena e média empresa e, nesse sentido, volta sua atenção crescente para as chamadas Sociedades de Garantia de crédito.

Em entrevista concedida ao nosso Boletim, o Embaixador da Rússia, Sergey Akopov, declara: “as relações entre Brasil e Rússia são excelentes”.

Os mesmos qualificativos – graça e humor – que cabem em relação ao artigo do Jax, são igualmente os apropriados (se bem que num outro estilo) para comentar o tão bem escrito artigo de autoria do Ministro Adriano Silva Pucci sobre Istambul.

Pouca gente, no Brasil, tem conhecimento do tesouro arqueológico existente na Serra da Capivara, no Piauí.

Relatório da FAO destaca os resultados da política brasileira de combate à fome.

A Funag acaba de editar livro – em 3 tomos- de grande fôlego sobre o “Pensamento Diplomático Brasileiro: Formuladores e Agentes da Política Externa (1750-1964)”, cujo organizador é o Presidente da Funag, o Embaixador José Vicente Pimentel. 15 diplomatas e 13 acadêmicos são os autores dos trabalhos sobre as 26 personagens históricas catalogadas nesta obra.

Como de hábito, o Boletim encerra esta edição com a seção Prata da Casa.

Guy M. de Castro Brandão
Presidente da ADB

Sumário

Inovação

4
Ranking global de inovações mostra Brasil atrás de países como Argentina, Chile, Uruguai e México

Artigo

7
O diplomata Fernando Jacques de Magalhães Pimenta fala sobre tensões mundiais e indústria do turismo em crônica bem humorada

Entrevista

15
Especialistas falam sobre a obra e a vida do poeta Cruz e Sousa

Pequenos Negócios

18
Sociedades de Garantia de Crédito ganham força no Brasil e apoiam o crescimento de micro e pequenas empresas

Capa

10
Brasil aposta no café especial para ter mais destaque no cenário internacional

Entrevista

22
Embaixador da Rússia ressalta importância da relação com o Brasil, sobretudo depois da criação do BRICS

Artigo

25
O diplomata Adriano Silva Pucci apresenta sua visão de Istambul e seus tesouros inesgotáveis

Exposição

27
Mostra apresenta, em Brasília, as riquezas do Parque Nacional da Serra da Capivara

Agricultura Familiar

30
País diminui número de famintos e reforça compromisso com a alimentação saudável

Artigo Especial

33
O diplomata Paulo Roberto de Almeida apresenta projeto da Fundação Alexandre Gusmão sobre o pensamento diplomático brasileiro, com organização de José Vicente Pimentel

Prata da Casa

35
Os autores apresentados nesta edição são Antônio Augusto Cançado Trindade, Ronaldo Mota Sardenberg, Synesio Sampaio Goes Filho e André Aranha Corrêa do Lago

IN MEMORIAN

O Embaixador Manoel Pio Corrêa, pai do Conselheiro Luiz Maria Pio Corrêa, faleceu dia 6 de dezembro, no Rio de Janeiro.

Brasil perde posições no ranking de inovações

País fica em 64º , atrás de Argentina, Chile, Uruguai e México

O Brasil perdeu 6 posições no ranking global de inovações de 2013, em relação ao ano de 2012, ficando na 64º posição. Países da América Latina, como a Argentina, Chile, Uruguai e México, ficaram a frente do Brasil.

Ao longo dos anos, o ranking vem mostrando uma oscilação do país, porém, permanecendo estagnado na mesma faixa de posições. Em 2009, o Brasil ficou em 50º; já em 2010, ficou em 68º; em 2011, na 47º posição e, no ano passado, em 58º.

Na avaliação, o relatório procura, também, falar das necessidades dos países para melhorar nos quesitos requeridos pelos produtores do ranking, não se atendo apenas às deficiências e às qualidades dos países.

No ranking de 2013, o Brasil teve problemas com indicativos que avaliam as instituições industriais; sofisticação do mercado; crédito, investimento e competitividade; ambientes políticos, regulatórios e empresariais; pesquisa e capital humano; educação e pesquisa e desenvolvimento (P&D); e resultados de atividade criativa.

Em contrapartida, o país teve desempenho satisfatório em indicadores que, até então, não eram quesitos de avaliação, como proporção de produtos de alta e média-alta tecnologias fabricados, índice de artigos científicos citados, proporção dos *royalties* e licenças recebidas em relação ao total de serviços exportados, gasto doméstico bruto em P&D de empresas em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), famílias de patentes requeridas em, ao menos, três escritórios, além da nota média das três melhores universidades nacionais (USP, Unicamp e UFRJ). A entrada desses indicativos foi determinante na classificação do Brasil, já que, sem eles, a avaliação do país seria pior, perdendo 11 posições.

Apesar da contribuição das universidades nacionais, o resultado poderia ser um pouco melhor, já que a USP e a Unicamp, que são as universidades brasileiras melhor posicionadas no ranking anual feito pela Time Higher Education (THE) e que analisa a qualidade das universidades pelo mundo, caíram várias posições. A USP, inclusive, deixou de ser top 200 no ranking. Um fator predominante para essas quedas foi a reputação das universidades. A USP, por exemplo, conviveu com vários problemas nos últimos anos,

como protestos de estudantes e até mesmo um assassinato dentro do Campus. Porém, as universidades continuam sendo excelentes bolsões para pesquisas e artigos científicos, o que freou uma queda maior.

Vários órgãos brasileiros que trabalham na área de indústria e comércio procuram engrenar o desempenho nacional nessa área. É o caso da Confederação Nacional da Indústria (CNI). O gerente-executivo da entidade, Rodrigo Teixeira, falou sobre uma das principais ações que a CNI vêm promovendo nas indústrias nacionais. Segundo ele, a principal iniciativa coordenada pela CNI é a Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI), que reúne líderes de grandes empresas e representantes do governo. Ela visa a estimular a estratégia inovadora das empresas brasileiras e ampliar as políticas públicas de apoio à inovação. Atualmente, a MEI é o principal espaço de diálogo entre o setor público e privado para fazer da inovação uma estratégia permanente dentro das empresas.

Além disso, para estimular a inovação em médias e pequenas empresas, a CNI criou e mantém a Rede de Núcleos de Inovação. Essa rede agrega núcleos de inovação nos estados, ligados às federações estaduais de indústria, núcleos de inovação setoriais e às associações setoriais nacionais, para realizar ações de disseminação de informação, mobilização e capacitação de empresários. Ao todo, são 25 unidades em todo o país. Até o fim do ano, serão 27.

"A inovação é um dos maiores diferenciais competitivos que uma indústria pode ter. Por meio da pesquisa, desenvolvimento e inovação, uma empresa desenvolve novos processos e produtos, conquista e impõe seu espaço no mercado. Quando a inovação resulta em produtos totalmente novos, consequentemente abre novos mercados. Ao incrementar a competitividade, a inovação passa a ser essencial para impulsionar a economia. O mercado mais competitivo reflete em benefícios para a população, que terá acesso a produtos de alta qualidade e tecnologia, fortalecendo ainda a indústria e o mercado de trabalho", afirma Rodrigo Teixeira.

O ranking foi motivo de debate por alguns grupos que discutiram a posição e as perspectivas do Brasil para o futuro. Até mesmo uma frente parlamentar, feita por alguns membros da área de economia e gestão empresarial.

A primeira colocada do ranking, para efeito de comparação e visando o crescimento brasileiro na área, foi a Suíça. O país europeu tem como característica ser o polo econômico mais competitivo do planeta, um dos fatores que alçam os helvéticos para serem o líder do ranking de inovação.

A Suíça baseia todo o seu equilíbrio econômico em inovações, já que, praticamente, não possui fontes de matéria-prima. Além disso, conta a favor deles um material humano altamente qualificado, reconhecidamente como um celeiro de propriedade intelectual, fazendo com que o processo de ideias e conceitos para a inovação seja mais eficiente.

Outra característica mundial que o ranking vem mostrando é de, apesar do líder ser um país de primeiro

O Brasil teve desempenho satisfatório em indicadores como proporção de produtos de alta e média-alta tecnologias fabricados, índice de artigos científicos citados, famílias de patentes requeridas e nota média das três melhores universidades nacionais – USP, Unicamp e UFRJ

mundo, a inovação vem sendo espalhada para todos os cantos, sem nenhuma particularidade. Os países emergentes vêm demonstrando estabilidade, sem registrar queda de investimentos, mesmo com a crise financeira recente, o que ajuda ainda mais no processo de inovação. Apesar da queda, o próprio Brasil é citado como um país com boas perspectivas para o futuro. Foram citadas, também, a China, a Argentina, Índia, Rússia, Turquia e África do Sul.

Porém, apesar da boa perspectiva no Brasil, algumas formas de ações que normalmente as empresas adotam poderiam ser repensadas para que o país encontre seu caminho e melhore o desempenho no ranking. Por exemplo, a alternativa mais usada para que as empresas adotem a inovação é a simples e direta compra de máquinas e equipamentos para as indústrias. Isso, de certa maneira, acaba esfriando a inovação, na sua metodologia de ideias e do surgimento de algo novo, deixando o mercado estagnado, além de trazer alto custo a essas próprias empresas, por causa da compra desses materiais.

Um caminho simples, porém eficiente, é a capacitação do material humano dessas empresas, focando a inovação e incentivando o desenvolvimento tecnológico e industrial.

Há também a parte do governo que, constantemente, precisa incentivar a inovação. Só em 2013, foi anunciado um pacote de mais de R$ 30 bilhões de reais para serem investidos em inovação, em dois anos.

A inovação

Com o crescimento da competitividade industrial entre os países, a inovação vem sendo o fator principal para o crescimento organizacional da indústria – avanço este que só tende a gerar benefícios socioeconômicos para esses países.

Já foram feitas várias análises constatando que a inovação, a capacidade de empreendedorismo, além do desenvolvimento econômico e organizacional, estão diretamente ligados como fator de desempenho do sistema industrial. Sendo assim, a inovação é um componente fundamental para que o sistema industrial do país se fortaleça.

Baseado nisso, para avaliar o desempenho dos países em negócios, capacidade do governo de incentivar e apoiar a inovação por meio de políticas públicas, um conglomerado de órgãos: Grupo de Consulta de Boston (BCG), a Associação Nacional de Manufacturas (NAM) e o Instituto de Manufatura (MI) produz, anualmente, um ranking que situa as posições dos países, abalizados em indicadores estabelecidos pelos órgãos.

Indicadores como política de inovação, incentivos fiscais, políticas de imigração, educação e propriedade intelectual são quesitos de avaliação para a qualificação do ranking. Ou seja, são avaliados desde fatores econômicos até fatores sociais.

BENDITAS FÉRIAS*

*Jax***

O cenário internacional, no último trimestre de 2012 apresentava-se convulsionado e preocupante. Apesar de a chegada do novo século, em 2001, haver sido saudada por muitos como uma nova era, de menos conflitos, menos fome e menos sofrimentos, a primeira década transcorrera sem confirmar tais expectativas otimistas. O mundo atual continuava a mostrar sinais inquietantes de conhecidos males da humanidade, como as crises econômico-sociais, a instabilidade política, os atentados ao meio ambiente e, permeando tudo isso, a sobrevivência dos falcões da espécie humana (ou desumana), ávidos pelo poder e intolerantes quanto a opiniões contrárias às suas.

O foco das preocupações mais recentes centrava-se na conturbada região da Enxaqueca Próxima. Na Babel Ônia, historicamente caracterizada por divisões étnicas profundas, o Mandatário Supremo, Daki Num Say, vinha sendo cada dia mais contestado. Como ditador que se preza (e muito!), Num Say considerava-se ungido pelos deuses. A bem da verdade, julgava-se ele mesmo uma divindade. Além do orgulho e da autoestima exacerbados, Num Say fazia parte de uma etnia minoritária no país, o que o levou sempre a governar com mão férrea e a reprimir as contestações a seu regime de forma violenta.

Sua violência passou a provocar, entretanto, manifestações de protesto na esfera internacional. Embora justas e oportunas, sem sombra de dúvida, as reações ao ditador incluíam as de governos comprometidos com adversários tradicionais da Babel Ônia ou cujo interesse no conflito interno não se restringia ao lado humanitário. Num Say aproveitava-se de tais circunstâncias para alimentar dúvidas que paralisavam a atuação dos foros multilaterais voltados à causa da paz no mundo e na região. O presidente Bon Gourmet, cujo país integrava a Confederação Akademika, defendia a intervenção armada em favor dos rebeldes e contava com o apoio de outros confederados, bem assim do presidente da Burguelândia, cujo poder econômico e militar era proeminente.

Outros países de peso na arena internacional resistiam à ideia da intervenção, por força de seus laços tradicionais com a Babel Ônia. Sua oposição resultava na relativa confiança de Num Say em manter o poder e no continuado banho de sangue que se agravava com o passar dos dias.

Ampliando o drama da Enxaqueca Próxima, outro país de regime igualmente ditatorial, dominado por líderes religiosos, a Panaceia, mostrava-se empenhado em desenvolver sua capacidade nuclear, alimentando suspeitas de que o fazia com propósitos militares. A perspectiva de uma Panaceia nuclear era particularmente inaceitável para o Estado do Xerife, que, sob a alegação das agressões sofridas no passado, julgava-se sempre justificado a valer-se da retaliação brutal ou, no caso, do ataque prévio, à guisa de preempção. Note-se que a Panaceia apoiava o ditador da Babel Ônia, o que aumentava a inquietação de Xerife, Burguelândia e outros países. Um dos líderes da Confederação Akademika chegou a manifestar que aceitaria "anything" para que o famigerado Daki Num Say deixasse o poder.

A solução para o "imbróglio" permanecia distante, contudo, em meio a tantos interesses conflitantes e às dificuldades práticas existentes. Mesmo a etnia majoritária dos Xunis na Babel Ônia apresentava divisões, com alguns de seus próceres favorecendo o ditador Num Say, por cima das origens étnicas.

A crise de Babel tendia, de forma até involuntária, a transformar o Chefe de Estado na figura central para resolver o problema. O Ministro da Concertação Política, Komeu Sayu Dessa, sentia o peso da decisão do líder supremo e preocupava-se ainda mais por saber de um terrível segredo. Havia descoberto, casualmente, que Num Say não era filho do ditador precedente, falecido anos atrás. Seu pai verdadeiro fora um ex-presidente da Burguelândia, que conhecera a mãe de Num Say em viagem pela região e com ela mantivera tórrida relação amorosa. Komeu Sayu Dessa afligia-se com as graves consequências, na Babel Ônia e alhures, desse fato escandaloso, se revelado publicamente. Sua aflição maior era que o ditador viesse a suspeitar de que o Ministro tinha conhecimento dessa origem espúria e decidisse calá-lo em nome da "segurança do Estado".

Finalmente, chegou o dia em que Daki Num Say tomou sua decisão final, saturado das pressões domésticas e externas. Convocou todos os seus ministros, os presidentes da Assembleia Popular e da Corte de Magistrados e comunicou-lhes, em breves palavras, com ar firme e solene, que... estava saindo de férias. Sem dar tempo à reação dos presentes, levantou-se, deixou a sala e partiu em um comboio que já o aguardava com toda sua família, rumo à base aérea. Sequer disse onde passaria as férias, por motivo de segurança.

Coube ao Ministro Dessa assumir o governo, interinamente. A notícia colheu a todos de surpresa. No plano internacional, intensificaram-se as consultas entre altas autoridades para avaliar a decisão de Num Say. Na Babel Ônia, os movimentos rebeldes consideraram, inicialmente, que a presença de um governante interino, desprovido de maior carisma ou poder de liderança, favoreceria a derrubada da ditadura. Concluíram, todavia, que a ausência do ditador enfraquecia o movimento de arregimentar adeptos e de promover atos de repúdio ao governo. Após intensos e extensos debates, Siga Me, um dos líderes rebeldes de maior peso, inclusive na esfera internacional, adotou a corajosa atitude de que somente ele seria capaz naquele grave momento. Após reiterar suas críticas ao ditador e reafirmar seu compromisso com o propósito de mudar os destinos do povo, comunicou que se retirava de seu abrigo na capital para... passar férias com seus familiares em sua região de origem. Causou excelente repercussão a coragem de Siga Me em indicar onde passaria as férias, em claro contraste com o que fizera o ditador. A escolha de sua própria região como destino de férias demonstrou, ademais, o genuíno sentimento de apreço por sua gente e suas raízes. Não tardou e outras lideranças rebeldes trataram de seguir o exemplo, saindo de férias para diferentes locais.

Com a gradual saída em férias de tais lideranças e a ausência temporária de Daki Num Say, reduziram-se em larga escala os atos de violência na Babel Ônia. Circularam rumores, não confirmados, de que a retração da prática repressiva das autoridades locais se devera à falta de recursos para a reposição dos estoques de armas e munições, já que a partida do ditador coincidira

com a súbita queda no orçamento do governo. Observadores políticos também detectaram mudança nos padrões de comportamento da população, que passou a sair às ruas com maior frequência, encontrando-se e conversando mais, indiferentemente de sua origem étnica. A realidade é que o ambiente na Babel Ônia começou a dar sinais de descontração e de certa paz.

O Ministro Dessa experimentou tanto alívio que chegou a pensar em tirar férias, ele próprio. Só não pôde fazê-lo porque seu substituto imediato na linha de sucessão encontrava-se ausente, de férias.

O apaziguamento da situação na Babel Ônia teve efeitos externos. Até o presidente da Burguelândia aproveitou a conjuntura favorável e saiu de férias logo após sua reeleição para o cargo. Na Confederação Akademika, vários dirigentes fizeram o mesmo. Enquanto desfrutavam de um repouso antes impensável, verificou-se gradual superação da persistente crise econômica que acometia a maioria dos países confederados. Nos outrora belicosos Estados do Xerife e da Panaceia, saíram igualmente de férias os líderes máximos Nunto Nem Ahy Ó e Num Ama Jedah, após o que se desanuviaram as tensões existentes. Conhecido "paparazzo" enviou a diversos periódicos fotos em que os dois líderes apareciam juntos, brindando em um restaurante, mas logo ocorreram suspeitas de fotomontagem sensacionalista.

Iniciou-se, a partir de então, nova era para a humanidade como um todo, caracterizada pelo incremento vertiginoso da atividade turística em escala mundial. Reduziram-se as tensões políticas, o consumo de drogas e os atos de vandalismo em nome da religião. Cientistas acreditaram haver identificado sinais de contenção nos indicadores do aquecimento global. O Fluminense Futebol Clube, do Rio de Janeiro, voltou a conquistar importantes títulos esportivos!

Por outro lado, algumas organizações ambientalistas começaram a denunciar casos de aumento da poluição em praias, montanhas e demais logradouros turísticos, em razão do intensificado fluxo de turistas. Isso já é tema para outra história, porém...

*Versão reduzida (set 2013)

**Jax é Fernando Jacques de Magalhães Pimenta, Diplomata atualmente lotado no CG Assunção
Novembro de 2012.

Café especial impulsiona atividade cafeeira no Brasil

Cooperativas fortalecem os produtores nas negociações com o exterior

As exportações brasileiras de café tiveram alta de 14% no volume de sacas embarcadas de janeiro a setembro, em relação ao mesmo período de 2012. Foram 22,39 milhões de sacas este ano, frente às 19,64 milhões exportadas no ano passado. Contudo, a receita apresentou redução de 15% na mesma base comparativa, fechando em US$ 3,87 bilhões. De acordo com dados do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CeCafé), o preço médio alcançado nos primeiros nove meses de 2013 sofreu redução de 25% em relação ao período anterior – passando de US$ 231,96 para US$ 172,84.

Segundo o diretor-geral do CeCafé, Guilherme Braga, o Brasil é, tradicionalmente (desde 1860), o maior produtor mundial de café. Nos últimos anos, a produção média está entre 48 e 55 milhões de sacas, das variedades arábica e robusta. O segundo maior produtor é o Vietnã, com 28 milhões de sacas (robusta), seguido da Colômbia (11 milhões de saca de café arábica) e Indonésia (10 milhões de sacas de café arábica).

No Brasil, o maior estado produtor é Minas Gerais, responsável por 50% da produção. Em segundo lugar, está o Espírito Santo, seguido por Bahia e São Paulo. A área ocupada com as lavouras de café – 2,2 milhões de hectares – vem se mantendo inalterada há alguns anos, observando-se uma melhoria constante nos índices de produtividade. “Atualmente, a média brasileira é de 23 sacas por hectare, a maior do mundo. A Colômbia, por exemplo, apresenta média de 12 sacas/hectare”, diz Braga.

Miguel Júnior, sócio da Fazenda São Carlos, produtora e exportadora de café, localizada em Santo Antônio do Amparo, sul de Minas Gerais, afirma que o setor passa por um momento delicado: "O mercado trabalha com patamares em níveis historicamente baixos, em que os valores de venda não cobrem os custos de produção." Segundo ele, diante da crise e de um mercado cada vez mais competitivo, os empresários enfrentam as fragilidades se organizando para ganhar mais poder de enfrentamento. "As associações passam a ser uma questão de sobrevivência", avalia.

A Fazenda São Carlos é uma das 20 associadas da Sancoffee – Cooperativa dos Produtores de Cafés Especiais –, criada em 1999, por cafeicultores que decidiram unir suas experiências com o objetivo de construir uma plataforma única para exportação. "A cooperativa tem se mostrado bastante viável. Na crise de 2008, exportamos mais de 12 mil sacas com ágio médio de 40% e ainda prospectamos clientes importantes, como a empresa Nespresso. Para a safra atual, que é considerada crítica, já temos 8 mil sacas, negociadas a um preço médio de R$ 535,00 contra um mercado interno de R$ 280,00. No decorrer dos anos, o ágio médio foi de 20%", conta Miguel Júnior. Para ele, o consumo interno e as exportações devem seguir aumentando. O crescimento linear e constante da Sancoffee é expressivo. "Em 2006, exportávamos 2 mil sacas. Hoje, envia-

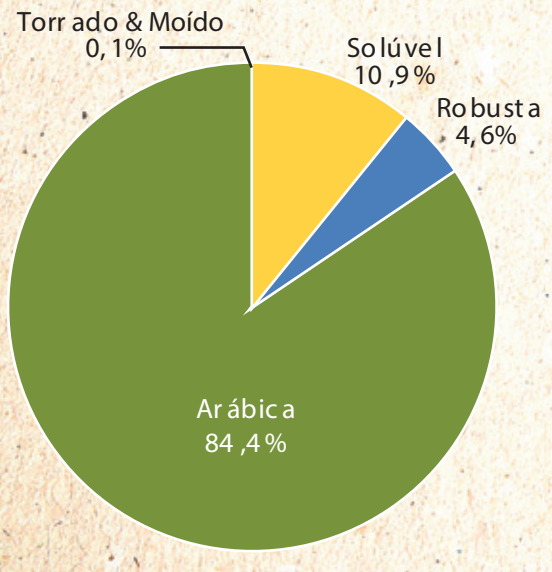
> Diante da crise e de um mercado cada vez mais competitivo, os empresários enfrentam as fragilidades se organizando. As associações passam a ser uma questão de sobrevivência, de acordo com o cafeicultor Miguel Júnior

mos para o exterior mais de 12 mil sacas. Estamos com planos de ampliação da capacidade de armazenagem e rebenefício.

Dos contratos já firmados na safra 2013/2014, o Japão foi o maior comprador dos cafés especiais das fazendas associadas à Sancoffee, com 3.700 sacas. Austrália, Estados Unidos, Suíça e Coreia do Sul vieram, na sequência, como os melhores compradores.

Linneu da Costa Lima, produtor de café da região de Mogiana, no estado de São Paulo, associado à Cooxupé, maior cooperativa de café do mundo, conta que 80% da produção são destinados à exportação. "A Cooxupé exporta para o mundo inteiro. Os maiores compradores são os italianos – Lavaza e Segafredo – a suíça Nestlé e o alemão Michael Neuman", diz. A Cooxupé exporta cerca de 30 milhões de sacas por ano.

Participação % por Qualidade nas Exportações Brasileiras de Café



JANEIRO A SETEMBRO 2013

MERCADO POTENCIAL

Para a Organização Internacional do Café (OIC), a China tem um mercado com forte potencial de expansão. Apesar da grande população, o consumo per capita ainda é considerado baixo, em torno de 47,6 gramas por habitante (dados de 2012). "Para ter uma ideia do potencial do mercado chinês, a projeção para aumento do consumo de café é de 90% nos próximos 10 anos. É nesse cenário que se vislumbra uma grande oportunidade para os produtores brasileiros: explorar esse novo e gigantesco mercado em ebulição. Por outro lado, não vejo mercados saturados, pois o café é uma bebida muito consumida. Mesmo em tempos de crise, o consumo tende a se manter estável", avalia o cafeicultor mineiro.

Linneu da Costa Lima concorda com Miguel Júnior sobre o "desafio chinês", no longo prazo. Segundo ele, a China é, inclusive, a grande aposta da Starbucks. Para o cafeicultor paulista, o mercado com maior potencial no curto prazo é o Leste Europeu, incluindo a Rússia.

Ainda segundo dados da OIC, o consumo mundial é estimado em 143 milhões de sacas anuais, considerando tanto os países consumidores quanto os produtores. O maior consumidor, isoladamente, é os Estados Unidos, com 23 milhões de sacas/ano. Em seguida, estão Alemanha, Japão, Itália, Bélgica e França. O Brasil é responsável pelo consumo de cerca de 19/20 milhões de sacas/ano.

TENDÊNCIA DE CONSUMO

Dentre as variedades de cafés finos mais exportadas pelos produtores do sul de Minas, estão o bourbon amarelo, mundo novo, icatu e catuaí. Miguel Júnior diz que percebe claramente duas tendências de consumo: A primeira, segundo ele, é o surgimento de um mercado consumidor mais exigente, em que as pessoas buscam e valorizam a agradável sensação de se degustar um bom café. O consumo de cafés gourmet, que até 2001/2002 praticamente inexistia, tem crescido a uma taxa de 15% ao ano e já representa boa parte do consumo da produção nacional.

A outra tendência é o consumo dos blends. "Trata-se de uma mistura, por especialistas, de cafés da espécie arábica, ricos em sabor e qualidade, com a robusta, espécie de alta produção, mas que deixa muito a desejar na qualidade da bebida. A prática diminui custos em prejuízo da bebida. Portanto, por mais antagônicas que pareçam, essas são as duas tendências mais fortes em se tratando de consumo de café atualmente", lamenta.

Guilherme Braga, do CeCafé, explica que o mercado mundial de café está dividido em três: os chamados mercados tradicionais – Estados Unidos, União Europeia e Japão –, com um volume estimado de 72 milhões de sacas, que cresce, a taxas modestas, em torno de 0,5% e 0,8%, consequência da crise de 2008. Os emergentes importadores – Rússia, países do Leste Europeu, Coreia do Sul, Austrália, África do Sul e outros –, estimado em 26 milhões de sacas anuais, apresentam crescimento anual de 2,5% no consumo. E os países produtores, entre os quais, o destaque de consumo é mesmo o Brasil, com crescimento de 2% por ano. "Os principais concorrentes, na área dos cafés arábica, são Colômbia e outros países da América Central. Nos cafés robusta, estão Vietnã, Indonésia e alguns países africanos", diz Braga. No mercado de cafés especiais, Miguel Júnior, destaca também países da África, e Costa Rica, a produção crescente dos países do sudeste asiático.

MERCADO NORTE-AMERICANO

Daniela de Souza, psicóloga brasileira, especializada em recursos humanos, radicada nos Estados Unidos há 20 anos, é dona de um café nos arredores de Filadélfia, na cidade de Conshohocken (PA). O 'feine oferece basicamente cafés brasileiros. "Eu pessoalmente gosto muito de café brasileiro. Ele é reconhecido pelos consumidores americanos como um produto de alta qualidade, com um sabor balanceado". Para ela, oferecer o produto made in Brazil é um diferencial para a maioria dos clientes, que demostram interesse em conhecer a origem do café que estão consumindo.

> Dentre as variedades de cafés finos mais exportados estão o bourbon amarelo, mundo novo, catuaí e icatu

Guilherme Werner

MERCOSUL

O Mercosul é um mercado inexpressivo para os exportadores de café brasileiro. De acordo com Miguel Júnior, associado à Sancoffee, o consumo dos países do Cone Sul é basicamente de cafés comuns. Na América do Sul, o único parceiro comercial é o Chile.

Em termos mais gerais, o Brasil é líder de mercado na Argentina, Venezuela e Uruguai, com pouca presença no Chile, cujo mercado é mais voltado para os cafés especiais. De acordo com Guilherme Braga, não há programas específicos para ampliar o comércio com países da América do Sul. Linneu da Costa Lima, associado à Coxupé, diz que, apesar da pouca representatividade, o Mercosul é um mercado que interessa.

MEDIDAS CONJUNTURAIS

De acordo com o diretor-geral do CeCafé, o comportamento dos preços internacionais e internos mostra continuadas quedas, desde o final de 2011, em função de excedentes de produção. "Após um ciclo relativamente longo de preços estimulantes, a oferta mundial expandiu-se. Embora o consumo seja crescente, a produção evolui acima, gerando uma oferta superior à demanda", analisa Guilherme Braga. Segundo ele, algumas propostas de auxílio ao setor produtivo estão em discussão no Brasil, não obstante a alta produtividade. "Estamos operando com custos de produção acima dos preços de mercado. Há programas de subsídio em curso e debatem-se outras ações. O setor pleiteia do governo ações que levem à contratação da oferta, por meio da retirada de excedentes. Há fortes rejeições a esse tipo de proposta, na medida em que ela significa o retorno da política do "guarda-chuva", ou seja, a renúncia aos mercados, pois, na atual situação da oferta, outros países substituiriam a participação brasileira", afirma Braga, do CeCafé.

As variedades de café

Coffea Arabica e Coffea Canephora são espécies do gênero Coffea. São as mais cultivadas e comercializadas no mundo. Robusta e Conilon são duas variedades de Coffea Canephora.

A produção de café arábica corresponde a 73% do volume de café produzido no país e tem como maior produtor o estado de Minas Gerais. A produção do café conilon (robusta) representa 27% do total nacional e tem como maior produtor o Espírito Santo.

As variedades de Coffea Arabica produzem um café fino, de aroma e sabor mais pronunciados. As plantas dessa espécie têm como característica genética a presença de 44 cromossomos, o que as tornam potencialmente plantas com maior complexidade. A Coffea Canephora possui apenas 22 cromossomos. Em virtude da qualidade e do sabor, a demanda mundial pelo café arábica é bem maior.

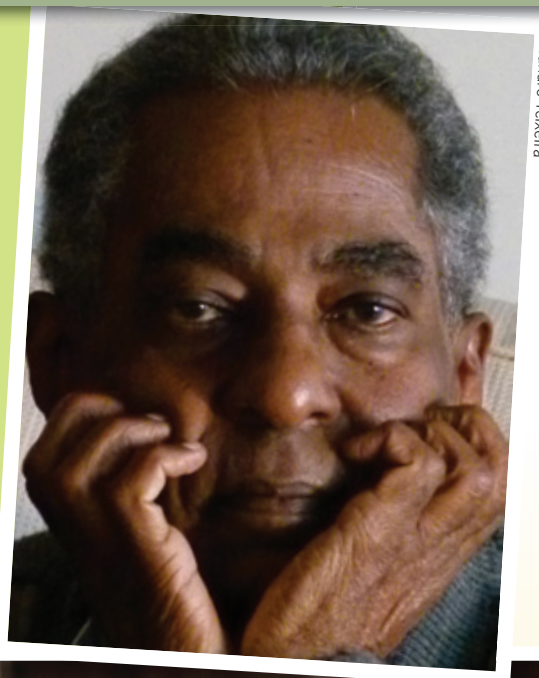
O conilon é vendido por um preço inferior, mas sua produtividade e resistência às doenças e pragas são muito maiores. Ele também possui mais sólidos que se dissolvem na água, por isso é tão buscado pela indústria de café solúvel. Além disso, é usado em *blends* (mistura com arábica, na qual entra com a proporção de 20% a 30%), para dar mais corpo à bebida.

Talento com uma pitada de sorte

Nascido em 1861, em Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis), João da Cruz e Sousa foi um dos maiores poetas brasileiros. Sob a alcunha de Dante Negro ou Cisne Negro, devido a sua cor, ele foi um dos precursores do simbolismo no Brasil e o artista brasileiro mais conhecido do movimento.

Tamanha a sua importância para a literatura nacional, Cruz e Sousa, mesmo com sua curta vida, foi estudado a fundo por dois docentes, que detalharam sua história e obra. ***Joel Rufino dos Santos****, 72 anos, é historiador, escritor e doutor em Comunicação e Cultura. O professor respondeu algumas perguntas sobre o poeta e detalhou a biografia do filho de escravos que marcou a literatura brasileira.*

Professora de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira, a PhD ***Margarida Patriota*** *também detalhou a vida e obra de Cruz e Sousa. Ela, inclusive, já escreveu um livro sobre o poeta. "A lenda de João, o assinalado", conta toda a história do poeta de forma romanceada. Um pouco, você lê no Boletim da ADB.*



Evandro Teixeira

Arquivo Pessoal

Apesar de ter sido filho de negros, escravos à época, Cruz e Sousa recebeu uma educação diferenciada. Por que ele teve esse privilégio?

Joel Rufino dos Santos: Cruz e Sousa deu sorte de ser apadrinhado por um militar de alta patente, em Santa Catariana, que o ajudou como se fosse um filho. Ele o matriculou no Liceu Catarinense, que era um colégio de elite. Essa foi a principal circunstância, mas isso não era raro na época. O pai e a mãe eram muito humildes, pois tinham sido escravos. Ele contou muito com ajuda familiar desse militar.

Margarida Patriota: Ele nasceu em uma propriedade, em Florianópolis, de um militar, o Marechal Guilherme de Sousa. A mulher dele, sem filhos, teve interesse pelo menino e se dedicou a cuidar da instrução dele. O Marechal participou da Guerra do Paraguai, mas antes alforriou seus escravos, entre eles a mãe e o pai

de Cruz e Sousa. Apesar de libertos, os pais continuaram trabalhando para o casal e, além da boa educação, recebeu também boas roupas, boa comida e carinho.

Ele também aprendeu várias línguas estrangeiras. Essa educação teria sido o maior trunfo do poeta?

Joel Rufino dos Santos: Ele teve dois trunfos: essa oportunidade dada por um homem rico em uma época em que o negro não tinha acesso nenhum à educação, nem em escola pública, pois não existia; o segundo trunfo foi o talento. Outros mulatos tiveram a chance de estudar, dada por mecenas, mas ele tinha o talento, que soube saber render. Ele aprendeu línguas no Liceu Catarinense, que era o melhor colégio da província. Ele aprendeu as línguas básicas da cultura: francês, inglês e, no caso dele, o alemão, já que ele vivia em uma colônia alemã grande.

Margarida Patriota: O Marechal faleceu logo depois, quando Cruz e Sousa tinha apenas 9 anos, mas antes conseguiu que ele cursasse o Liceu Catarinense, que era a única escola secundária de Santa Catarina. Lá ele aprendeu inglês, francês, alemão e teve um professor, zoólogo, que o considerou seu melhor aluno. O professor chegou a afirmar que o poeta seria um homem ilustre do Brasil.

Aos 20 anos, ele já dirigia um jornal e lutava contra a escravidão e o preconceito racial. O que ele defendia?

Joel Rufino dos Santos: Como muitos jovens estudantes do final do século 19, ele era abolicionista e lutava de diversas maneiras. Ele pertenceu a várias associações e editou pasquins em que criticava o escravismo, apontava casos de violência contra escravos, criticava quem dava cobertura à escravidão e ainda promoveu outras ações em prol dos negros da época.

Margarida Patriota: Sua vocação poética foi alimentada por uma tentativa de se inserir no meio jornalístico, que não foi muito exitosa. Ele aproveitou isso para entrar em contato com livros, o que foi muito importante para suas poesias. Cedo, com alguns colegas, ele criou o Jornal Colombo. Ele escreveu contra o preconceito racial, mas sua literatura não era de combate à escravidão.

Falando um pouco mais sobre sua obra. Cruz e Sousa é um dos precursores do simbolismo no Brasil. Como esse movimento se iniciou e quais foram suas contribuições?

Joel Rufino dos Santos: O simbolismo é de origem europeia, veio da Inglaterra e da Alemanha. Toda poesia é simbolista, mas o que chamamos de escola simbolista é o estilo que valoriza o místico, o impreciso, o infinito e que trabalha com símbolos consagrados pela tradição europeia, como o coração. Outra característica interessante é a correspondência entre as artes: o poeta, ao fazer poesia, está fazendo música. Ele procura juntar, no verso, todas as outras artes.

Essa escola chega ao Brasil e logo ganha adeptos que queriam contrariar o romantismo. Por meio disso, aparecem os simbolistas brasileiros. Nenhum deles tem tanto destaque, como parnasianos e modernistas. Apenas dois se destacaram: Cruz e Sousa, que seria o príncipe dos poetas brasileiros, e Afonso de Guimarães.

Margarida Patriota: O conteúdo de sua poesia não é de teor social. O interessante em sua obra é parecer uma alma negra em forma de revolta. Ele é a voz do negro, praticamente o único na literatura brasileira. A estética simbolista, de acordo com a crítica, é um neoplatonismo nórdico. Todos os simbolistas europeus enfatizam a plasticidade que fala de cisnes, de mulheres loiras... uma série de elementos que fazem parte de um pacote estético que remete à cor branca.

Além da musicalidade, as poesias dele são marcadas pela obsessão pela cor branca. Por quê?

Joel Rufino dos Santos: Aí, você entra no reino dos símbolos. O branco era sinal de pureza, de superação da matéria, de transcendência. Os simbolistas daqui adotaram essa simbologia. No caso dele, parece estranho, porque ele era um negro. É difícil saber se a adoção da brancura tinha algo a ver com a cor de sua pele. Talvez seja possível, em uma tentativa de escapar da prisão da cor. Ele ficou marcado por esse estigma, mas ele usa o negro também como símbolo. Símbolo da paixão, da espiritualidade, da sensualidade. Vai variando conforme os poemas.

Margarida Patriota: Sem dúvidas, há, sobretudo no início, a plasticidade nórdica nas poesias de simbolistas brasileiros. Tudo isso é a estética de que Cruz e Sousa assimilou esse ensinamento, captou a musicalidade e deu uma expressão muito forte a ela. A cobrança era grande "Será que o negro não pode falar de certas coisas?", diziam. Na verdade, há um elemento de mimetismo, e ele foi muito questionado por isso e até chamado de desinteligente.

Cruz e Sousa pode ser considerado um exemplo de sucesso profissional mesmo tendo encontrado tantas dificuldades?

Joel Rufino dos Santos: Ele é um exemplo de fracasso como ganhador de dinheiro. Nunca ganhou dinheiro, sempre foi ajudado por amigos, até para se internar para tratar sua tuberculose. Ele é um exemplo de sucesso no sentido de transcendência pela arte. A arte nele é tão refinada que você sente que vale a pena a pessoa sofrer para produzir uma obra de arte. Falamos isso como leitor. Ele sofria com a privação material, mas procurava se compensar como um artista de alto talento. Há um poema em que ele diz que joga na cara da vida e da sociedade o seu maravilhoso talento.

Margarida Patriota: Por outro lado, temos que entender que só um grupo podia ler Cruz e Sousa: um grupo de brancos. Ele não tinha como se posicionar diferente. Ele era negro puro, tanto que era chamado de Dante e Cisne Negro. Tudo isso criou uma mística em torno do discurso poético dele, que foi absorvido por meio de leituras de autores internacionais.

Cruz e Sousa era um artista com grande potencial. Demonstrou talento desde criança, quando foi tutoreado, tentou o jornalismo sem sucesso e conseguiu ser um dos grandes poetas brasileiros. É importante para a literatura brasileira por ter sido um dos precursores de um movimento literário.

Aos 36 anos, ainda jovem, ele sucumbiu à tuberculose. Depois dele, toda a família também foi vitimada pela doença. Qual é o legado deixado por Cruz e Sousa para a literatura brasileira?

Joel Rufino dos Santos: Ele teve tuberculose, morreu. A mulher e os dois filhos também tiveram a mesma doença e morreram. A descendência dele é muito pequena. Um dos filhos dele teve uma criança e foi esse neto de Cruz e Sousa que conseguiu dar continuidade ao sangue da família. Ficou apenas um resquício do sangue dele. Conheci duas moças, que também eram poetas, que descendem de Cruz e Sousa.

Vale a pena alguém se consagrar à arte. Especificamente, o legado dele é que vale a pena pensar, conhecer, estudar, mesmo que não tenha um sentido prático. O sucesso profissional independe da conta bancária. É isso em termos. Todos gostam de ter uma conta bancária recheada, mas esse não deve ser o objetivo principal da vida.

Margarida Patriota: O importante dele é uma poesia de alto calibre, sobretudo as últimas poesias. No conjunto, ele deixou uma obra desigual. Ele era fundamentalmente um poeta. A prosa dele de melhor qualidade sofre uma tensão poética. É preciso voltar atrás e ver que, na época dele, o momento não prezava a prosa enxuta. O discurso era prolixo o que hoje desagradaria muitos leitores.

Ele introduziu um clima novo na poética brasileira, uma máquina de musicalidade. Trouxe ao Brasil uma nova dicção, uma nova estética. Ele é um poeta eterno, sua obra ficará para sempre na literatura nacional.

Garantia de desenvolvimento

Sociedades de garantia de crédito começam a ganhar notoriedade no Brasil e ajudam donos de micro e pequenos negócios a crescer ao conceder avais para obtenção de empréstimos bancários

O acesso ao crédito por parte dos pequenos negócios é um importante fator de desenvolvimento econômico, principalmente no que se refere à capacidade de gerar emprego e renda. No entanto, as exigências de garantias por parte das instituições financeiras é uma das maiores dificuldades para as micro e pequenas empresas obterem crédito com taxas de juros e prazos adequados às suas necessidades de capital de giro e de investimento.

Para minimizar essas questões, foram criados mecanismos de garantias voltados para os pequenos negócios. Entre eles, estão as sociedades de garantias de crédito (SGC). Surgidas na França, no início do século 20, essas instituições tornaram-se mais atuantes a partir da década de 1960, na Itália, França e países ibéricos. Baseadas na ajuda mútua, elas obtiveram apoio de entidades empresariais e do poder público para seu crescimento.

No Brasil, esse modelo de garantia de crédito começou a ser discutido no início da década passada. Com a implantação do Novo Código Civil Brasileiro em 2002, instalou-se um ambiente jurídico mais favorável à consti-

tuição das SGC. Para discutir os avanços desse período e as perspectivas, foi realizada, neste ano, no Rio de Janeiro, a 18ª edição do Fórum Ibero-Americano de Sistemas de Garantias. O evento trouxe especialistas e autoridades de 21 países, como Argentina, Colômbia, Peru, México, Espanha, entre outros.

As atividades do evento contribuíram para a troca de conhecimentos técnicos e operacionais entre os representantes das sociedades de garantia, recíproca ou mútua, espalhadas pelo mundo. Segundo Carlos Alberto dos Santos, diretor-técnico do Sebrae Nacional, entidade que organizou o encontro em parceria com a Rede Ibero-Americana de Garantias (Regar), dois momentos foram marcantes no evento.

O primeiro foi o anúncio do Banco Central do Brasil (Bacen) sobre o marco regulatório do sistema de garantia por meio da inclusão das SGC, no sistema financeiro, como cooperativas de garantia. O segundo foi a divulgação de que o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) estuda direcionar os recursos do Fundo de Garantias para Investimento (FGI) – que pertence ao próprio BNDES – para a criação da entidade de segundo piso das instituições brasileiras.

"A engenharia financeira dos fundos garantidores se baseia no fundo risco local, com aporte de empresários, de prefeituras e do Sebrae. Com a entrada do BNDES, vamos avançar na criação do fundo garantidor do segundo piso", diz Santos. Entidade de segundo piso é um fundo robusto que serve para amparar as operações realizadas pelas SGC.

SERVIÇOS OFERECIDOS

A principal missão das SGC é facilitar o acesso ao crédito pelos pequenos negócios. Esse objetivo acontece por meio da concessão de cartas de garantia, que servem para lastrear as operações de crédito, tanto de capital de giro como de investimento.

As SGC também oferecem orientação e assessoramento gratuitos para as empresas associadas, na tomada de decisão relativa às linhas e condições dos financiamentos disponíveis, adequadas de acordo com as suas necessidades. Além disso, as SGC negociam, com as instituições financeiras conveniadas, melhores condições de prazo e juros em relação às praticadas pelo mercado para a concessão de crédito para os pequenos negócios. Nesse sentido, o Sebrae surge como é um importante parceiro.

Atualmente, cinco SGC estão em operação no Brasil e outras cinco em fase pré-operacional, ou seja, que dependem de alguns ajustes para começar a operar. A mais antiga delas, a Garantiserra, no Rio Grande do Sul, funciona desde 2005 e as demais – Noroeste Garantias, Garantisudoeste, Garantioeste, as três no Paraná, e a Garantia dos Vales, em Minas

A principal missão das SCG é facilitar o acesso ao crédito pelos pequenos negócios. Esse objetivo acontece por meio da concessão de cartas de garantia, que servem para lastrear as operações de crédito, tanto de capital de giro como de investimento

Gerais – entraram em funcionamento a partir de 2011.

As cinco SGC em operação reúnem 1.302 empresas associadas e contabilizam 1.187 garantias concedidas, com um valor médio de R$ 28,5 mil de aval. As cooperativas de crédito representam o principal parceiro no sistema financeiro nacional, haja vista que respondem por 84% das operações de crédito garantidas pelas SGC. A meta é chegar a 20 sociedades de garantias de crédito nos próximos quatros anos.

Histórico

As sociedades de garantia de crédito surgiram na Europa. Essas instituições foram criadas por iniciativa do próprio setor privado, com base em modelos mutualistas e solidários e formatos institucionais diversos, como cooperativas de garantia de crédito e consórcios por ações ou de responsabilidade limitada.

Na Itália, por exemplo, as cooperativas de garantia de crédito denominadas Consorzio Garanzia Collectiva Fidi (Confidi) garantem até 80% do crédito concedido pelos bancos para os pequenos negócios. O primeiro Confidi nasceu na década de 1950, em Roma, e atendia ao segmento de artesanato. Atualmente, o país conta com aproximadamente 750 Confidis.

Apesar da presença expressiva no mercado, só em 2003 foi aprovada regulamentação específica para as entidades garantidoras de crédito. A partir da nova lei, criou-se a possibilidade de os Confidis estarem sujeitos ao controle da Banca d'Itália. Na Espanha, as Sociedades de Garantia Recíproca (SGR) também estão sujeitas à supervisão do banco central do país e têm de observar toda a regulamentação existente para os bancos comerciais. Atualmente, há 22 sociedades ativas.

As SGR espanholas contam, ainda, com instituições de segundo piso para ressegurar suas posições. Atualmente, 43% dos riscos assumidos pelas SGR têm suporte da Companhia Espanhola de Reafianciamento (Cersa), instituição de capital majoritariamente estatal (95%), que pode ressegurar suas posições, até determinados limites, no Fundo Europeu de Inversões (FEI).

Em Portugal, as Sociedades de Garantia Mútua (SGM) foram criadas por iniciativa do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e a Inovação (IAPMEI), órgão ligado ao Ministério da Economia e do Emprego. O próprio IAPMEI e os principais bancos portugueses figuraram como acionistas fundadores do projeto piloto, lançado em 1994. Posteriormente, o sistema de garantia de crédito foi transferido para o sistema privado.

Atualmente, a estrutura de garantia de crédito é formada por quatro SGM – Agrogarante, Garval, Lisgarante e Norgarante –, que cobrem todo território nacional português e forneceram, até hoje, mais de 6 milhões de euros em garantias para as micro, pequenas e médias empresas portuguesas.

AMÉRICA LATINA

Na Argentina, as primeiras SGR começaram a operar em meados da década de 1990 e, em agosto de 2000, foi aprovada a Lei nº 25.300, que criou o marco legal do sistema de garantia de crédito. As garantias concedidas às instituições financeiras são respaldadas pelo Fundo Fogapyme, administrado pelo Banco de La Nación Argentina. Nas regiões que não são cobertas pelas SGR, esse fundo garante, diretamente, as operações de crédito das pequenas e médias empresas.

As micro e pequenas empresas argentinas são atendidas pela Garantizar e pelo Fondo de Garantías Buenos Aires (Fogaba). Criada em 1997, a Garantizar é a sociedade de garantia recíproca pioneira e opera nas 15 principais cidades argentinas. Já a Fogaba atua na província de Buenos Aires desde 2007.

No Chile, as operações das Instituições de Garantia de Crédito (ITR) são reguladas e fiscalizadas pela Superintendência de Bancos e Instituições Financeiras, que estabelece limites de operação, procedimentos para ponderação de risco, grau mínimo de provisões e outras exigências.

As ITR são constituídas como sociedades anônimas, cujos acionistas podem ser pessoas físicas ou jurídicas. O sistema de garantia de crédito chileno conta com uma refinanciadora de segundo piso, o Fundo de Garantia do Micro e Pequeno Empresário (Fogape), que garantiu cerca de 50 mil operações de crédito em 2012. Os sistemas de garantia de crédito para as micro e pequenas empresas também estão presentes em outros países latino-americanos, como Colômbia, Peru, Venezuela, entre outros.

“Relações entre Brasil e Rússia são excelentes”

As relações entre Brasil e Rússia tiveram uma melhora significativa nos últimos anos. Impulsionados pela formação do Brics – grupo político de cooperação, formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – os dois países possuem uma grande aliança, com parcerias em áreas como tecnologia espacial, militar e telecomunicações.

Aproximados desde 1945, quando o país europeu ainda fazia parte da União Soviética, Rússia e Brasil possuem um Tratado de Cooperação desde 1997. Atualmente, o embaixador Sergey Akopov representa o país russo em território brasileiro. Ele está no Brasil desde 1999 e recebeu a reportagem do Boletim da ADB para falar um pouco sobre as relações bilaterais entre os dois países.

Quais são os atuais cenários diplomático, político e financeiro na Rússia?

Neste momento, o cenário político na Rússia pode ser caraterizado como estável, com regime democrático sólido e sociedade civil desenvolvendo e participando do processo decisório de maneira cada vez mais ativa.

Quanto ao cenário financeiro contemporâneo, também é bem estável. Sendo o sistema mundial financeiro muito interconectado, a Rússia considera muito importante coordenar as ações de agentes financeiros e controlar possíveis crises nessa área por meio de

plataformas internacionais, tais como G20. Na Declaração de São Petersburgo, adotada no decorrer da cúpula do G20, realizada em setembro passado, os líderes dos países-membros do grupo concordaram que concentrar os esforços comuns, orientados para elaborar soluções efetivas a fim de sair da crise mais prolongada da história contemporânea é a tarefa crítica para os países do G20.

No que se refere à situação diplomática, a Federação da Rússia tem mantido posição firme na arena internacional, o que se revela no apego aos princípios do direito internacional, ao papel principal do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e à resolução pacífica dos conflitos existentes no mundo.

Como são as relações entre Brasil e Rússia? Na sua visão, são países que se dão bem diplomaticamente?

As relações bilaterais Rússia-Brasil são excelentes e estão se desenvolvendo no âmbito da parceria estratégica. Os contatos políticos em vários níveis têm sido bem ativos; a visita oficial à Rússia da presidente do Brasil Dilma Rousseff em dezembro de 2012, a visita ao Brasil do presidente do governo da Rússia Dmitry Medvedev em fevereiro de 2013, a visita ao Brasil do ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia Sergey Lavrov em junho de 2013, a visita ao Brasil do ministro da Defesa da Rússia Sergey Choigu em outubro de 2013 são provas significativas desse processo.

Ademais, estão desenvolvendo a cooperação interparlamentar. Foi realizada, em junho de 2013, a visita à Rússia do presidente da Câmara dos Deputados da República Federativa do Brasil, Henrique Eduardo Alves, e da delegação parlamentar.

No decorrer da VI Reunião da Comissão Russo-Brasileira de Alto Nível de Cooperação, que teve lugar em Brasília em 20 de fevereiro de 2013, as partes analisaram a cooperação econômica, comercial, científica e tecnológica entre Rússia e Brasil e definiram conjuntamente os rumos para diversificar e elevar, no curto prazo, o intercâmbio comercial bilateral.

Os dois países estão incentivando a implementação dos projetos conjuntos nas áreas de alta tecnologia; contribuindo para o envolvimento mais ativo de pequenas e médias empresas na cooperação comercial e financeira, para a participação de representantes dos círculos empresariais dos dois países nas exposições e feiras realizadas no território da Rússia e do Brasil, bem como para a organização das visitas e negociações das delegações comerciais.

Penso que os dois países se dão bem diplomaticamente, já que tradicionalmente têm defendido as mesmas abordagens na arena internacional e, hoje em dia, têm posições semelhantes sobre os assuntos principais da agenda global.

Quais são as áreas mais exploradas por esses acordos?

As relações entre a Rússia e o Brasil vêm se tornando cada vez mais estreitas em um amplo leque de áreas: política, economia, cultura, ciência, educação, cooperação técnico-militar. Cada uma dessas áreas tem a sua importância especial e ganha o seu destaque no âmbito da interação bilateral.

Existem várias formas da cooperação entre os países dos Brics, inclusive cúpulas, reuniões minis-

> No que se refere à situação diplomática, a Rússia tem mantido a posição firme na arena internacional, o que se revela no apego aos princípios do direito internacional, ao papel principal do Conselho de Segurança da ONU e à resolução pacífica dos conflitos existentes no mundo, diz o embaixador da Rússia no Brasil, Sergey Akopov

teriais, grupos de trabalho, encontros dos representantes dos círculos comerciais, foros dos representantes das comunidades periciais etc. Estão desenvolvendo não só a cooperação a nível alto e de forma oficial, mas também vem se acrescentando o conhecimento da população dos países dos Brics sobre os seus parceiros nesse âmbito.

Como o povo russo se beneficia das boas relações diplomáticas entre Brasil e Rússia? Há uma contrapartida? A Rússia oferece cooperação técnica ao governo e ao povo brasileiro?

Vem se ampliando o interesse mútuo a nível dos povos: tem crescido o número de viagens turísticas, intercâmbio cultural e estudantil, vem se acrescentando o conhecimento da população dos dois países um sobre o outro. O ano de 2013 é o ano da Rússia no Brasil e do Brasil na Rússia e tem sido marcado por vários eventos no âmbito dos assim chamados Dias da Cultura.

Paz, amizade entre os povos, respeito mútuo, uma ordem mundial justa, apego ao direito internacional são os valores que os povos da Rússia apreciam mais. Sem boas relações entre os países é impossível consegui-los. Temos grande simpatia em relação ao povo brasileiro.

Há uma perspectiva de ampliação das relações? Qual área é de melhor desenvolvimento até agora?

A Rússia e o Brasil estão interessados em aprofundar ainda mais o diálogo político de confiança mútua, procuram fortalecer a cooperação para construir uma nova ordem mundial, mais justa, democrática e policêntrica, com vistas a garantir a paz e estabilidade embasado no direito internacional. Os nossos países também determinam especial atenção ao aprofundamento dos laços econômicos e comerciais, tendo por objetivo elevar intercâmbio comercial e promover projetos bilaterais em várias áreas. As outras áreas nas quais também avançamos bastante são cultura, educação e ciência.

Esse estreitamento de relações entre os dois países é importante para desenvolvimento de ambos?

É de maior importância o estreitamento de relações russo-brasileiras, já que contribui significativamente não só para a consolidação dos laços bilaterais, mas também para o bem de cada um dos dois países, abrindo novas oportunidades em termos comerciais, técnico-militares, culturais etc.

Sobre os Brics, como são as relações com os outros países do grupo?

A cooperação no âmbito do grupo Brics, para a Rússia, é uma das direções principais da sua política externa a longo prazo. Nos manifestamos a favor da contribuição para o caráter estratégico da parceria multilateral em um amplo leque de assuntos relacionados à política e economia global. A consolidação dos países dos Brics atesta à tendência objetiva da formação do sistema das relações internacionais multipolares e ao aumento da interdependência econômica.

A participação da Rússia no formato desempenha um papel significativo, já que facilita o processo da promoção dos interesses das economias emergentes e dos países em desenvolvimento na arena mundial, para a situação atual refletir as novas realidades internacionais. A coordenação das posições dos países dos Brics sobre as questões principais da agenda global se tornou um mecanismo efetivo da interação no âmbito de várias instituições internacionais. Ademais, a cooperação multilateral contribui para o desenvolvimento dos laços bilaterais, inclusive na área econômica e comercial.

Brasil e Rússia se beneficiaram economicamente com a criação do grupo?

As economias dos países-membros dos Brics são complementares. É necessário continuar a usar esse fator para seguir aumentando a velocidade do crescimento e promover a modernização das economias de todos os Estados do bloco. Além disso, as nossas sociedades enfrentam desafios comuns, relacionados à modernização das diversas esferas da vida social.

Ansiamos pela reforma do sistema financeiro e econômico mundial, que se tornou obsoleto. Esse sistema continua a desconsiderar o novo papel na economia global, já desempenhado pelos países dos Brics e por outros Estados com mercados emergentes.

O senhor tem mais alguma observação a fazer?

Sendo distante geograficamente, o Brasil sempre esteve perto, nos apoiando e sendo um amigo verdadeiro que virou um parceiro estratégico. Estou convencido de que continuaremos desenvolvendo as relações bilaterais entre a Rússia e o Brasil e cooperando juntos para enfrentar os desafios que nos traz o século 21.

Uma questão Bizantina

Adriano Silva Pucci

Não é confortável escrever sobre Istambul. Por mais que eu me tenha enamorado perdidamente dessa megalópole, enfeitada de elegantes minaretes espetando o bumbum do céu, há sempre o risco de ofender Maomé. Fio-me, pois, na benevolência de meus escassos leitores para escapar da fatwa que poderia recair sobre mim, fosse eu um Salman Rushdie.

Arquitetura, religião, história, música, gastronomia: Istambul é São Paulo de batom. Esse verdadeiro sítio arqueológico à beira-mar, dezessete vezes mais velho que o Brasil, em encarnações anteriores chamou-se Bizâncio, Nova Roma e Constantinopla. Quando os primeiros assentamentos neolíticos se estabeleceram na região, o estreito de Bósforo e o mar de Mármara, que hoje banham a cidade, simplesmente não existiam como tais (o trânsito caótico tampouco). A noção de antiguidade é, portanto, relativa por essas bandas. Por exemplo, mesquita Yeni, chamada "Nova Mesquita", é tão velha quanto o Rio de Janeiro.

Istambul é a única cidade bicontinental (e quase monoglota, para meu desespero) do mundo: pode-se almoçar na Europa e jantar na Ásia diariamente, sem os inconvenientes causados pelo jet lag. Salvo em uma partida de futebol entre o Fenerbahçe e o Galatasaray, é um lugar bastante seguro. Para você se meter em encrenca, precisa cair no conto do vigário, que, em uma tradução livre para o turco, seria o "conto do dervixe rodopiante". Ainda assim, algumas feridas diplomáticas, notadamente a cipriota e a curda, suscitam inspeções aleatórias em mochilas de frequentadores obedientes nas entradas dos shoppings. Agora, imaginem o pandemônio que uma medida dessa sorte causaria no Brasil...

E por falar no Galatasaray, quero explicar por que virei torcedor desse time de cores cafonas, amarelo e grená. Não foi pelo irresistível charme de ele ter nascido de um colégio fundado pelo Sultão Bayezid II, há mais de 500 anos, sob o nome de "Escola Imperial Mekteb-i Sultani". Atraiu-me, antes, o delicioso lema politicamente incorreto do Liceu de Galatasaray, que proclama, em bom francês: "J'aime la qualité, j'aime la superiorité, alors j'aime mon Lycée." (Amo a qualidade, amo a superioridade, por isso amo o meu liceu). Condenado a viver em uma época obscura da História do Brasil, em que nos nivelamos na mediocridade, camuflada de humildade, sonhei que eu

era um aluno daquela escola, com uniforme limpo, botinhas engraxadas, cabelo penteado e atitude respeitosa para com os mestres. Sonhei que, na aspiração às alturas, a criatura se fazia à imagem e semelhança do Criador. Mas isso foi só um sonho.

Esqueça o que você ouviu na Fox News sobre fanáticos islâmicos: no efervescente calçadão da Istiklal, moças modernosas, vestindo shortinhos de fazer corar eunuco, convivem em clima de tolerância (cruzada é coisa de ocidental) com outras ortodoxas, porém capazes de conciliar criativamente xador com bolsa Louis Vuitton, iPod e óculos Dolce & Gabbana, em um híbrido de Vogue com National Geographic. Nenhum Corão revogará a vaidade feminina. Felizmente.

Quanto aos homens, não se deixem amedrontar pelo aspecto de suas cabeças poligonais e assimétricas, raspadas com máquina um para disfarçar a calvície quiçá provocada por algum xampu turco campeão de vendas, mas de efeito devastador. À exceção dos taxistas e dos seguranças, que seguem o invariável padrão universal, os turcos são cordiais e civilizados, com o detalhe de que fumam um cigarro atrás do outro e coroam o vício com baforadas de narguilé nas horas vagas. Dizem-me eles que tenho cara de turco — diferente apenas pelo estranho hábito de usar gravata —, por isso permito-me falar deles o que bem entender. Mas se o filme "O Expresso da Meia Noite" ainda assim lhe inspirar pavor, basta mentalizar o "alô?" deles ao telefone, que soa como um "áilhôo?" tão, mas tão infantil que desmoralizaria o ogro mais ameaçador.

Ah, faltam as crianças. Os muçulmanos rezam pelo menos cinco vezes ao dia e, nos intervalos, fazem filhos. Os meninos são circuncidados ao alcançarem 7 a 10 anos de idade em uma cerimônia religiosa denominada Sünnet. Como prêmio de consolação, recebem moedas de ouro dos parentes que visitam, depois de serem levados às ruas metidos em espalhafatosas vestes brancas, empunhando cetrinhos, feito miniaturas ambulantes de paxás. Eles brincam ao ar livre, em grupos numerosos, até tarde da noite, como fazíamos antigamente. Eu já me tinha esquecido de como era ver três meninos felizes descendo a rua, apinhados na mesma bicicleta cambaleante, desviando-se dos gatos onipresentes na paisagem urbana.

Istambulita que se preze não fica em casa aos domingos, donde se conclui que o Faustão deles é pior do que o nosso, se é que isso é possível. Deitados nos gramados dos parques públicos, dançando em família ou incensando as mesquitas com o chulé de seus pés descalços, enchem de vida o dia e também a noite, quando fazem caminhadas para a digestão do Iftar. Essas lautas ceias de desjejum coletivo durante o mês do Ramadã têm até uma espécie de largada, como na corrida de São Silvestre, só que não com tiros de revólver, porém com salvas de canhão. Afiyet olsun! Bom apetite!

No século XIV, a peste negra ceifou as vidas de quatro em cada dez habitantes de Constantinopla. Hoje, a história se repete com a praga de Michel Teló alastrando-se pelas ruas de Istambul. Esse cantor é a principal referência tupiniquim em terras otomanas, faltando-lhe somente a barba para atingir o status de profeta. Para evitar que ele "te pegue", sintonize na Kralpop 94.7 FM, caso seja um ouvinte agitadinho, ou então na Slowtürk 95.3 FM, cujo nome já diz tudo.

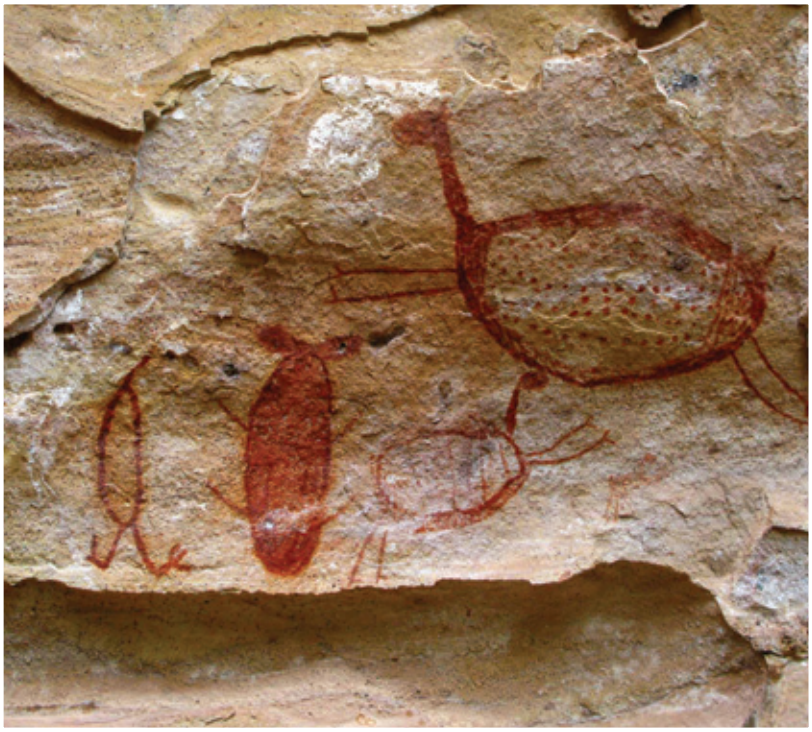
Istambul é inesgotável em seus tesouros, mas não a paciência sua, leitor. Você pode abandonar esta crônica, assim como pararam até hoje, às 9h05min, os relógios do Palácio Dolmabahçe, marcando o horário da morte de seu mais famoso inquilino, Kemal Atatürk, o herói nacional por unanimidade. (No Brasil temos três: Chico, Caetano e Gil.) Ademais, já está na hora de eu contemplar o romântico crepúsculo com vista para o Bósforo, sorvendo chá de uma taça em forma de tulipa, no terraço do suntuoso Pera Palas, onde evidentemente não estou alojado. Na mesa ao lado, uma desconhecida fará o mesmo, sem saber que, antes dela, hospedaram-se no hotel outras damas misteriosas, como Greta Garbo, Mata Hari e Agatha Christie. E não por acaso, pois mistério é a palavra-chave de Istambul: o mesmo enigma que habita os olhos eternos da mulher encoberta pelo negro véu.

50 MIL ANOS DE BRASIL

Exposição museográfica de parque localizado no Piauí mostra que o país não é tão jovem quanto se pensava

Entre outubro e dezembro deste ano, Brasília recebeu duas exposições e um ciclo de conferências sobre o Parque Nacional da Serra da Capivara, que fica no Piauí e abriga um dos mais importantes sítios arqueológicos do mundo. O parque foi declarado patrimônio mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e, com ajuda da União Europeia, trouxe para a capital o evento Serra da Capivara: Os Brasileiros com Mais de 50 Mil Anos.

O evento engloba uma exposição museográfica com parte da coleção do Museu do Homem Americano, que fica em São Raimundo Nonato, no Piauí, com cerca de 50 peças arqueológicas e paleontológicas. Também houve mostra e venda de peças de cerâmica feitas pelos moradores de regiões vizinhas ao Parque Nacional da Serra da Capivara, que utilizam o expediente para sobreviverem.



O Parque Nacional da Serra da Capivara foi declarado patrimônio mundial pela Unesco e a exposição em Brasília foi organizada com o apoio da União Europeia

Organizador do evento e primeiro conselheiro de Cooperação da União Europeia, Jérôme Poussielgue destaca que a reconstrução da história é um dos pontos principais da exposição. "Fizemos um resumo da história do sítio, de como foi descoberto, do trabalho que foi feito por todos esses anos. Acho fascinante pensar que, por meio da Serra da Capivara, pudemos descobrir que o primeiro homem americano foi brasileiro. É interessante, pois muda a forma como vemos o Brasil. Quem está lá fora fala que o Brasil é jovem, mas o país tem mais de 50 mil anos de história", analisa o francês.

Segundo Poussielgue, o governo do Piauí já tinha o interesse de levar a exposição para Brasília, mas faltava um suporte maior para que isso desse certo. "Tivemos o intuito de trabalhar o desenvolvimento na área de cultura e turismo. Fomos ao Piauí para angariar parceiros, conhecemos a Serra da Capivara e lá ficamos sabendo que queriam fazer uma exposição em Brasília. Comprometemo-nos a ajudá-los e trouxemos a mostra para a capital federal", explica.

CONFERÊNCIAS

Durante o evento, os organizadores promoviam conferências sobre assuntos diferentes, mas sempre remetendo ao Parque Serra da Capivara ou à situação do Brasil em relação a seus sítios arqueológicos. O ciclo trouxe discussões sobre arqueologia, turismo no Piauí, gestão de áreas protegidas e do patrimônio cultural e integração produtiva dos moradores da região do parque.

A União Europeia, a Unesco, a Fundação do Homem Americano, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o Centro Nacional de Arqueologia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (CNA-IPHAN), embaixadas da França e da Alemanha e o governo da Alemanha realizaram conferências no local.

Segundo Poussielgue, a troca de experiências é fundamental para o crescimento museológico no Brasil. "As conferências tratam de diversos assuntos globais, mas são muito focadas no Brasil. Trouxeram as experiências de outros países sobre parques. Tivemos muitos expositores internacionais fazendo palestras, o que foi muito importante para o evento", afirma.

O acesso à exposição Serra da Capivara: os brasileiros com mais de 50 mil anos foi gratuito e perdurou 75 dias.

PARQUE SERRA DA CAPIVARA

O Parque Nacional da Serra da Capivara foi criado em 5 de junho de 1979 e está situado no sudeste do Estado do Piauí, fazendo fronteira com os municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, João Costa e Brejo do Piauí. Possui 129.140 hectares e seu perímetro é de 214 km.

A região do Parque Nacional da Serra da Capivara era, entre 440 e 360 milhões de anos atrás, coberta pelo mar Siluriano-Devoniano, limitado ao sul pelo escudo cristalino do Pré-Cambriano. Por volta de 225-210 milhões de anos atrás, durante o Triássico, um movimento tectônico de grande porte, que iniciou a abertura do Atlântico Sul, fez levantar o fundo do mar, criando a serra, formada por rochas sedimentares, arenitos e conglomerados. As chuvas esculpiram o relevo, formando uma paisagem espetacular, com múltiplos monumentos geológicos de rara beleza.

A paisagem atual da região do Parque Nacional da Serra da Capivara é formada por planaltos, serras e planícies. Essas várias formas de relevo são resultado de transformações que foram se produzindo durante milhões de anos nas duas formações geológicas, a Bacia Sedimentar Piauí-Maranhão, ao Norte, e a Depressão do Médio São Francisco, ao Sul.

A REGIÃO ERA, ENTRE 440 E 360 MILHÕES DE ANOS ATRÁS, COBERTA PELO MAR SILURIANO-DEVONIANO, LIMITADO AO SUL PELO ESCUDO CRISTALINO DO PRÉ-CAMBRIANO

Brasil é modelo mundial de combate à fome

País diminui número de famintos e reforça compromisso com a alimentação saudável

O Brasil cumpriu as metas do milênio da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) no combate à fome. O relatório emitido pela entidade mostra que a quantidade de famintos no Brasil caiu em quase 10 milhões de pessoas, em 20 anos. Entre 1992 e 2013, o número de cidadãos brasileiros que passam fome se reduziu de 22,8 milhões para 13,6 milhões. Em números absolutos, a redução é uma das maiores do mundo e é duas vezes mais acelerada que a média mundial.

Parte desse sucesso se deve à agricultura familiar, responsável pela produção de 70% dos alimentos que vão à mesa dos brasileiros. Diretor-geral da FAO, o brasileiro José Graziano, citou o segmento como fundamental para o combate à fome no mundo. “A agricultura familiar tem um papel muito importante para o fim da fome no mundo. É um segmento da agricultura que produz uma variedade muito grande de alimentos e é, certamente, um aliado da FAO no enfrentamento desse problema”, garantiu.

Graziano comemorou o alcance das metas e afirmou que o mundo pode reduzir a proporção de pessoas com fome em 2015. “O Brasil é um entre os cerca de 40 países que já alcançaram essa meta, graças a um firme compromisso com a erradicação da fome. Podemos ir mais longe, erradicando a fome no Brasil e no mundo, pois, quando falamos de fome, o único número que podemos aceitar é zero”, disse o diretor-geral da FAO.

A celebração desse passo em busca do fim da fome do Brasil ocorreu durante o Dia Mundial da Alimentação, comemorado em 16 de outubro. A data é uma iniciativa da FAO, desenvolvida em 1980, e foi lançada para notabilizar o aniversário da instituição internacional, fundada em 1945.

O ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, enviou um vídeo especialmente para o evento e garantiu que a segurança alimentar e nutricional deve ser uma tarefa de todos. “Hoje, o Brasil é reconhecido no mundo inteiro pela luta contra a erradicação da fome. Isso foi alcançado graças a um conjunto de políticas públicas para acabar com a fome no país. Para enfrentar essa situação, é indispensável que todos os governos estejam comprometidos. O mundo sem fome será mais justo e solidário”, avaliou Lula.

De acordo com relatório da FAO, a quantidade de famintos no Brasil caiu em cerca de 10 milhões de pessoas, em 20 anos. Em números absolutos, a redução é uma das maiores do mundo e é duas vezes mais acelerada que a média mundial

ANO INTERNACIONAL DA AGRICULTURA FAMILIAR

Para mostrar a importância da agricultura familiar para o mundo, a FAO indicou 2014 para ser o Ano Internacional da Agricultura Familiar. O objetivo da entidade é destacar o perfil da agricultura familiar e dos pequenos agricultores, focalizando a atenção mundial em seu importante papel no alívio da fome e pobreza, provisão de segurança alimentar e nutrição, melhora dos meios de subsistência, gestão dos recursos naturais, proteção do meio ambiente e obtenção do desenvolvimento sustentável, particularmente nas áreas rurais.

O coordenador-geral das Ações Internacionais de Combate à Fome (CGFOME) do Itamaraty, ministro Milton Rondó Filho, assegurou que a agricultura familiar é fundamental para garantir a soberania alimentar brasileira. "Em 90% dos países, o centro da inflação é o preço dos alimentos. Então, a produção de alimentos é fundamental, inclusive para a redistribuição de renda", avaliou.

Milton salientou que o sucesso da agricultura familiar no Brasil se deve a uma série de políticas públicas voltadas para o setor e implementadas pelo governo federal. Ele destacou que o segmento produz alimentos mais saudáveis por utilizar menos química. "Por ela ter um caráter multicultural, em geral, o agricultor familiar não faz o monocultivo, ele usa menos agrotóxico e proporciona um alimento mais saudável. Além disso, são eles que produzem a maior parte da agricultura orgânica e agroecológica".

Segundo o ministro, o Brasil é o país que mais utiliza agrotóxicos no mundo e os índices de câncer aumentaram muito. "Temos de ter um controle muito rigoroso disso. Precisamos discutir nossa matriz produtiva, se não isso vai virar um verdadeiro hospital", assevera.

Rondó Filho disse ainda que o Brasil precisa aproveitar o ano de 2014 para aumentar a comercialização dos produtos da agricultura familiar e divulgar a excelente produção que o Brasil tem. "Vai ter a Copa do Mundo e o Ano Internacional da Agricultura Familiar. É um momento importante para mostrar que o Brasil, como o país mais biomegadiverso do mundo, tem condições de ter uma produção agrícola absolutamente diferenciada", apontou o ministro.

A política externa brasileira, pelos seus principais atores e pensadores

PIMENTEL, José Vicente (organizador)
Pensamento Diplomático Brasileiro: Formuladores e Agentes da Política Externa (1750-1964)
(Brasília: Funag, 2013, 1138 p. p. 3 v. ISBN 978-85-7631-462-2)

Paulo Roberto de Almeida

A Fundação Alexandre de Gusmão (Funag), a instituição vinculada ao Itamaraty que mais se aproxima do conceito anglo-saxão de *think tank*, montou um projeto à altura de suas responsabilidades intelectuais, consistindo em uma coletânea de estudos analíticos sobre as ideias e as ações de 26 personagens relevantes das relações internacionais do Brasil, entre diplomatas de carreira, políticos e intelectuais, que moldaram o pensamento e a ação da diplomacia brasileira ao longo de mais de dois séculos. Assinam as colaborações, sob a coordenação do presidente da Funag, quinze diplomatas e treze acadêmicos, todos especialistas nos personagens ou nos períodos enfocados nas três partes da obra.

O ponto de partida da obra antecede a constituição formal do Estado brasileiro, em 1822, já que não se poderia excluir de uma obra de referência a contribuição do chamado "avô da diplomacia brasileira", o personagem que, aliás, dá o nome à Fundação que se responsabilizou pelo projeto: Alexandre de Gusmão. Ele foi, justamente, o foco do primeiro capítulo substantivo do livro, na parte que tratou das concepções fundadoras da diplomacia brasileira. Essa parte ainda abriga alguns dos "pais fundadores" da nação e do Estado brasileiro, assim como da própria diplomacia: José Bonifácio, seguido de Paulino Soares de Souza, Duarte da Ponte Ribeiro, Francisco Varnhagen, Honório Hermeto Carneiro Leão, o Visconde do Rio Branco e o "mais longevo" secretário-geral do ministério, Cabo Frio.

A segunda parte, voltada para a política internacional da Primeira República, tratou de alguns grandes nomes que vieram do Império, mas que engrandeceram a diplomacia republicana, começando por Joaquim Nabuco. O Barão do Rio Branco ocupa papel de destaque nessa fase, mas também seus amigos, e eventuais auxiliares, Ruy Barbosa e Euclides da Cunha, que também cumpriram missões diplomáticas sem serem profissionais do serviço exterior. Dois outros diplomatas, Manoel de Oliveira Lima, também historiador e articulista, e Domício da Gama, completam esse primeiro

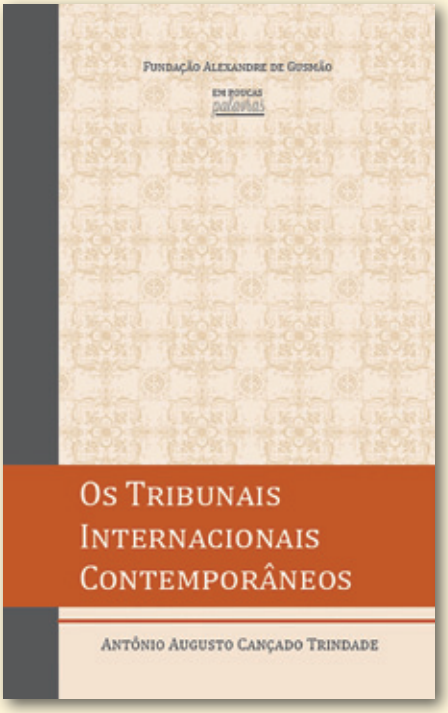
ciclo republicano. Aqui, entrou também o jurista Afrânio de Melo Franco, que iniciou carreira diplomática, foi para a política, exerceu diversas missões diplomáticas durante a República Velha – entre elas a frustrada missão de colocar o Brasil no Conselho da Liga das Nações – mas que também foi o primeiro chanceler do novo regime, em 1930, e que continuou no início do governo provisório de Getúlio Vargas.

A terceira e última parte cobre toda a Era Vargas e a República de 1946, começando pela própria reforma do Estado e a modernização da diplomacia, iniciada com Afrânio de Melo Franco e continuada por Oswaldo Aranha, o homem que terminou de unificar as carreiras do ministério e que não só liderou a revolução de 1930, como também manteve firmemente o Brasil no campo democrático durante os tempos sombrios da ascensão do nazi-fascismo e do Estado Novo no Brasil. O nome que primeiro representou a diplomacia multilateral do Brasil foi o de Cyro de Freitas Valle, que teve em sua vertente econômica a importante contribuição de Edmundo Penna Barbosa da Silva, ambos relativamente desconhecidos, hoje, dos mais jovens. Outros nomes que ilustraram tanto a Era Vargas quanto o período democrático ulterior foram os do empresário e político José Carlos de Macedo Soares (chanceler nos dois regimes) e o de um militar, o almirante Álvaro Alberto, bastante identificado tanto com o CNPq quanto com o programa nuclear brasileiro.

O final do período, cobrindo a fase otimista da presidência JK e os anos turbulentos dos governos Jânio Quadros e João Goulart, está representado pelas figuras do sociólogo Hélio Jaguaribe, do historiador José Honório Rodrigues, pelo poeta Augusto Frederico Schmidt e pelos juristas e políticos Afonso Arinos e San Tiago Dantas. Finalmente, encerra o exame das grandes personalidades, o nome do embaixador Araújo Castro, o último ministro de Goulart e uma das cabeças que continuou a moldar a política externa brasileira nos anos à frente, influente até nossos dias.

Esta obra afirma-se como um dos mais sérios projetos de natureza intelectual implementados pelo Itamaraty. Não apenas uma coleção de biografias sintéticas, com muitas considerações analíticas sobre as ideias e ações dos personagens selecionados, este empreendimento pode ser visto como um exemplo de história intelectual, embora vários personagens tenham atuado mais pela prática do que sob a forma de escritos. Todos eles produziram narrativas sobre como viam e sobre como deveria ser a política externa, nos expedientes de serviço ou nas obras e memórias produzidas. Foram estadistas, na concepção lata da palavra, no sentido em que uma certa ideia do Brasil, geralmente grandiosa, estava sempre presente nesses escritos, a guiar-lhes os passos nas decisões mais relevantes.

Foi essa tradição que o projeto pretendeu resgatar e expor. Com as eventuais limitações que ela possa conter, esta obra constitui um esforço pioneiro de identificação e de apresentação das ideias e dos conceitos que balizaram, orientaram ou guiaram a formulação e a execução prática das relações exteriores do Brasil, desde seu alvorecer, enquanto Estado autônomo, até quase o final do segundo terço do século 20; espera-se que ela possa servir de inspiração para outros empreendimentos do gênero ou para a continuidade do mesmo projeto. Referência doravante indispensável para o estudo do pensamento diplomático brasileiro, o projeto de fato merece continuar.



TRINDADE, Antônio Augusto Cançado

Os tribunais internacionais contemporâneos

(Brasília: Funag, 2013, 136 p. ISBN 978-85-7631-424-0; Coleção Em Poucas Palavras)

O autor, eminente jurista mineiro, já foi consultor jurídico do Itamaraty (na redemocratização), presidente da Corte Interamericana de Direitos Humanos, em San José, e é atualmente, um dos juízes da Corte Internacional de Justiça, na Haia. Autor de uma obra impressionante no campo do Direito Internacional, em várias línguas, em pouco mais de cem páginas ele realiza a proeza de sintetizar os fundamentos e o funcionamento dos diversos tribunais existentes no plano multilateral, nem todos de jurisdição obrigatória, mas possuindo, cada vez mais competência para realizar uma defesa efetiva dos direitos humanos, lutar contra a impunidade e aproximar a comunidade humana do ideal de justiça internacional. Esses órgãos reafirmam a unidade fundamental do direito internacional e o primado do direito sobre a força bruta. Uma síntese admirável, pelo melhor autor possível.

SARDENBERG, Ronaldo Mota

O Brasil e as Nações Unidas

(Brasília: Funag, 2013, 136 p. ISBN 978-85-7631-448-6; Coleção Em Poucas Palavras)

O autor é, possivelmente, o mais experiente multilateralista político da diplomacia profissional e foi representante do Brasil na ONU em duas ocasiões, ademais de ter exercido os mais diversos cargos na burocracia federal, inclusive como ministro. O pequeno livro apresenta a atuação e a pauta do Brasil na ONU, depois de descrever a história pregressa, na Liga das Nações, e o funcionamento desse órgão, que De Gaulle chamava de "geringonça" (machin). Como ele diz, a ONU não é nem irrelevante, nem constitui um governo mundial, mas tem competência para atuar nas mais diversas áreas de interesse coletivo e até doméstico (com algumas restrições). A cooperação entre os Estados-membros, em todas as áreas, é o principal objetivo da ONU, mas o Brasil pretende ingressar no Conselho de Segurança, não só por isso, mas por prestígio, também.

FILHO, Synesio Sampaio Goes
As fronteiras do Brasil
(Brasília: Funag, 2013, 140 p. ISBN 978-85-7631-430-1; Coleção Em Poucas Palavras)

O autor é o maior especialista no tema, depois de ter escrito sobre Alexandre de Gusmão e todos os demais navegantes, exploradores e diplomatas que aumentaram o pequeno território conquistado em Tordesilhas. Professor de história diplomática, ele está plenamente habilitado para apresentar uma temática que já foi tratada por antecessores tão brilhantes quanto pragmáticos, entre eles o próprio Barão. Este, justamente, resolveu todas as questões de limites que vinham do período colonial e tinham sido tratadas, várias sem conclusão, pela diplomacia imperial. Tanto a obra dos exploradores, quanto a dos diplomatas foi impressionante pelo fato de aumentar enormemente o território nacional por vias pacíficas. O Brasil foi "uma história que deu certo" conclui o autor, com base nos dois grandes princípios de Alexandre de Gusmão: as fronteiras naturais e o *uti possidetis*.

LAGO, André Aranha Corrêa do
Conferências de desenvolvimento sustentável
(Brasília: Funag, 2013, 202 p. ISBN 978-85-7631-444-8; Coleção Em Poucas Palavras)

Com um pouco mais de palavras que os demais livros da coleção, Corrêa do Lago se equipara ao brilhantismo dos colegas ao expor, com notável capacidade de síntese, um panorama completo das posições brasileiras, desde a conferência de Estocolmo (1972) até a recente Rio+20, passando justamente pela conferência do Rio, de 1992, que consagra o conceito expresso no título da obra, e pela Cúpula de Joanesburgo (2002), quando o Brasil tenta concretizar o princípio das responsabilidades comuns, porém diferenciadas (ou seja, os "mais iguais" precisam pagar a conta). Que futuro queremos? O melhor possível, mas isso passa pelo fornecimento de recursos financeiros e pela transferência de tecnologias para garantir o tal de desenvolvimento sustentável. Ninguém é contra, mas alguém precisa pagar a conta, e, aí, começam as dificuldades, inclusive em relação aos bens comuns, mas nacionais.

Expediente

DIRETORIA DA ADB
Embaixador Guy M. de Castro Brandão – Presidente
Ministro Carlos Augusto Loureiro de Carvalho – Vice-presidente executivo
Ministro Adriano Silva Pucci – Diretor
Conselheiro Pedro Paulo Hamilton – Diretor
Conselheiro João Frederico Abbott Galvão Júnior – Diretor
Secretário Fabrício Araújo Prado – Diretor
Secretário Pedro Alexandre Penha Brasil – Diretor

CONSELHO FISCAL
Embaixador Oscar Soto Lorenzo Fernandez - Presidente
Conselheiro Francisco Hermógenes de Paula
Conselheiro Murillo Basto Júnior

SECRETARIADO DA ADB
Gerente administrativo: Tércio Arcúrio
Assistente administrativa: Jacqueline da Cruz

ADB
Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros
Ano XX – nº 83
Edição Outubro/Novembro/Dezembro 2013 – ISSN 0104-8503

CONSELHO EDITORIAL
Guy M. de Castro Brandão
Carlos Augusto Loureiro de Carvalho
Adriano Silva Pucci
Pedro Paulo Hamilton
João Frederico Abbott Galvão Júnior
Fabrício Araújo Prado
Pedro Alexandre Penha Brasil

REPORTAGEM
Fellipe Thomas, João Paulo Biage, Patrícia Cunegundes e Rafael Nascimento

EDIÇÃO
Patrícia Cunegundes

REVISÃO
Ana Cristina Paixão

PROJETO GRÁFICO
Fabrício Martins e Wagner Ulisses

CAPA
Fabrício Martins

DIAGRAMAÇÃO
Wagner Ulisses

IMPRESSÃO
Athalaia Gráfica e Editora

TIRAGEM
3 mil exemplares

liberdade de expressão
agência e assessoria de comunicação
Diretora responsável
Patrícia Cunegundes
(61) 3349 2561

ADB – Associação dos Diplomatas Brasileiros
Ministério das Relações Exteriores – Esplanada dos Ministérios
Palácio do Itamaraty, Anexo I, 3º andar, sala 329–A
70170–900 – Brasília – Brasil
Fones: (61) 2030 6950 e 3224 8022 Fax: (61) 3222 0504
www.adb.org.br – *e–mail*: adb.diplomatas@gmail.com